



## NESTE NÚMERO:

- 2 Movimento, um caminho de auto-conhecimento e desenvolvimento humano
- 4 Antroposofia e conhecimento
- 6 Crescimento? Que crescimento?

## POEMA

### O DIA MAIS BELO? HOJE

O dia mais belo? Hoje  
A coisa mais fácil? Errar  
O maior obstáculo? O medo  
O maior erro? Abandono  
A raiz de todos os males? O egoísmo  
A distração mais bela? O trabalho  
A pior derrota? O desânimo  
Os melhores professores? As crianças  
A primeira necessidade? Comunicar-se  
O que mais lhe faz feliz? Ser útil aos demais  
O maior mistério? A morte  
O pior defeito? O mau humor  
A pessoa mais perigosa? A mentira  
O sentimento mais ruim? O rancor  
O presente mais belo? O perdão  
O mais imprescindível? O lar  
A rota mais rápida? O caminho certo  
A sensação mais agradável? A paz interior  
A proteção efetiva? O sorriso  
O melhor remédio? O otimismo  
A maior satisfação? O dever cumprido  
A força mais potente do mundo? A fé  
As pessoas mais necessárias? Os pais  
A mais bela de todas as coisas? O amor

Madre Teresa de Calcutá

## Mensagem dos editores

No âmbito do Círculo da Divulgação foram acionadas duas iniciativas importantes: uma renovação completa da apresentação deste Boletim e a publicação do primeiro número da série Cadernos de Pedagogia Social.

A renovação gráfica deste Boletim está relacionada com o nosso desejo de ampliar o número de leitores aos quais queremos fazer chegar as mensagens, textos, pensamentos e a forma de ser de nossa Associação. E para isso entendemos que uma apresentação mais convidativa à leitura e mais elaborada sob o aspecto de design gráfico, não só é importante para quem fará o primeiro contato com esta publicação, como também aumentará o interesse daqueles que porventura venham a dar apoio a edições com maior tiragem, além de, naturalmente, aparecer rejuvenescido perante os leitores habituais. A viabilização econômica deste Boletim e também do próximo somente foi possível graças ao patrocínio de Frans Schoenmaker. Temos, agora, para o Círculo da Divulgação o desafio de identificar outros patrocinadores que permitirão manter esse padrão. Para o trabalho gráfico foi contratado o designer Marcelo Girard.

Já os **Cadernos de Pedagogia Social** pretendem colocar à disposição dos interessados os principais textos da área, que normalmente são conteúdo de alguma palestra e inacessíveis para a maioria dos membros da Associação e pessoas afins, por estarem em forma de manuscrito ou gravações, ou em outro idioma. Iniciamos com o texto de Lex Bos "Os Caminhos para a Formação do Pedagogo Social", e os próximos dois pretendemos que sejam "Nada a ver Comigo", também de Lex Bos – este pela sua procura e esgotamento da edição brasileira – e "Comunidade e Comunhão", de Dieter Brüll. Também esta iniciativa somente foi possível graças ao patrocínio integral da edição pela Editora Rima, de São Carlos. Os Cadernos serão vendidos e os recursos arrecadados viabilizarão as próximas edições.

Desejo a todos uma boa leitura.

Christian Folz

## EVENTOS

Julho

### SEMINÁRIO DE PEDAGOGIA SOCIAL – INTRODUÇÃO – SPS

1

De 8 a 16 de julho / Local: Centro Paulus  
Informações: Berenice, e-mail: bruckert@uol.com.br

### A EMPRESA FAMILIAR – SUA FORÇA E SEUS DESAFIOS

De 21 a 23 de julho / Local: espaço "Le Chateau" - Holambra  
Informações: Hermanus, e-mail: regina@maturi.org.br

Agosto

### ENCONTRO DE TROCAS

Dia 7 de agosto / Local: R. São Benedito, 1.294 - S. Paulo  
Informações: Regina, e-mail: maturi.regina@terra.com.br

Setembro

### SEMINÁRIO DE PEDAGOGIA SOCIAL – SOCIEDADE – SPS IV

De 14 a 17 de setembro / Local: Centro Paulus  
Informações: Jos, e-mail: nucleomaturi@uol.com.br

## Boletim de Pedagogia Social

Esta é uma publicação da Associação de Pedagogia Social de Base Antroposófica no Brasil. Todos os artigos podem ser reproduzidos, desde que citada a fonte. Endereço para correspondência: Rua Cancioneiro de Évora, 125, CEP 04708-010, São Paulo - SP • Redação (responsáveis): Christian Folz, tel./fax (16) 3307-4166, folz@linkway.com.br • Johnny Fonseca, tel. (11) 5041-4674, johnny\_fonseca@hotmail.com • Jos Schoenmaker, (11) 5183-8869, nucleomaturi@uol.com.br • Leila Scaff, tel. (16) 3911-1306, leilascaff@uol.com.br • Marise Lopes, tel. (11) 6981-4672, mariselopes@bol.com.br • Valter Gobbo, tel./fax (11) 5686-2700, valtergobbo@uol.com.br • Arte: Marcelo Girard • Diagramação para Word : Johnny •

## ASSOCIAÇÃO DE PEDAGOGIA SOCIAL DE BASE ANTROPOSÓFICA NO BRASIL

Presidente: Regina Barros Erismann

Secretário: Lúcia Sígolo

Tesoureiro: Valter Gobbo

Apoio a esta edição: Frans Schoenmaker –  
Incentivando iniciativas para um mundo melhor.



## Movimento: um caminho de auto-conhecimento e desenvolvimento humano

—Elisabeth Cerri

*"Alma humana!*

*Tu vives nos membros*

*Que te conduzem através do mundo espacial*

*A mais íntima essência do mar espiritual"*

R. Steiner

Nos nossos Seminários de Pedagogia Social há sempre espaço reservado para o exercício físico. Todos já sabemos o quanto ele é importante do ponto de vista da saúde física e mental. Afinal, 45 minutos de movimentação são suficientes para que haja uma produção e descarga de endorfina em nosso organismo capaz de trazer sensação de alegria e bem-estar, aliás, por isso mesmo ela é chamada de hormônio da felicidade. Mas, não é só essa a razão do exercício físico estar presente nos seminários, embora esse já fosse um bom motivo, pois com tantas atividades exigentes, fazer um movimento é, no mínimo, uma necessidade.

Movimento é vida e tudo o que tem vida quando fica estagnado e sem ar sufoca, morre e apodrece. Como seres vivos necessitamos do movimento e do ar. A nossa alma se expressa pelo movimento, o movimento do sentir, pensar e agir. Para algumas pessoas, essas expressões acontecem num movimento fluido, vivo e harmonioso, para outras, elas acontecem num movimento rígido e mecânico e, entre essas polaridades, existem as mais variadas combinações que caracterizam a expressão pessoal de cada indivíduo.

Ao se buscar um desenvolvimento saudável é preciso movimentar o fluxo do sentir, pensar e agir de forma que esse movimento e torne vivo e harmonioso, ou seja, um movimento realmente orgânico. Para facilitar esse processo, no entanto, é preciso haver certa dedicação à observação dos processos e resultados das expressões que se faz e também certo esforço para melhorá-las procurando enriquecer, vivificar e renovar sempre o fluxo pensar, sentir e agir. Quantas vezes pensamos e sentimos algo que não conseguimos transformar em expressão saudável ou a expressão se faz diferente daquilo que se idealizou ou se quis expressar? Parece que muitas vezes a nossa mais simples expressão está cristalizada e não vem de uma vontade interna genuína, outras vezes, há a sensação de paralisia causada pelo que vem do mundo exterior. Uma expressão de pensar, sentir ou agir, coerente com o que idealizamos sobre ela só é possível quando estamos empenhados em educar o nosso ser interior. Isso exige de nós consciência, conhecimentos e persistência.

Pois bem, em nosso pensar vive a nossa consciência estética do mundo, das pessoas e de nós mesmos. Para



Van Gogh

trazer vida saudável a ele é preciso fazer o esforço de flexibilizar e transformar os padrões de pensamento cristalizados, os padrões mecanicistas que se ligam somente à causa e efeito, os conceitos aprendidos e incorporados que se tornam mortos por serem mecanicamente repetidos, as críticas e os julgamentos precipitados. Para tanto, faz-se necessário movimentar o pensar trazendo-lhe a força solar, ou seja, luz, e calor para que se torne vivo. Isso pode acontecer através do orar, do meditar, do estudar a ciência do espírito (antroposofia), do observar e admirar os enigmas da natureza e do respeitar e cultivar conscientemente seus ciclos, enfim, do buscar uma conexão com o espiritual, origem e natureza do pensar.

É em nosso sentir que vive o elemento ar e nele vivem nossas emoções e sentimentos. Alguns sentimentos nos são sufocantes enquanto que outros são vivificantes. Algumas pessoas chegam a vivenciar suas emoções qual um turbilhão tempestuoso, outras têm a vivência do marasmo provocado pela indiferença ou por sentimentos estagnados. O fluxo saudável do sentir pode ser estimulado através do olhar dirigido a encontrar o belo em tudo o que nos rodeia. Ele também é saudavelmente estimulado quando encaramos conscientemente o grande desafio de transformar cada dor, cada sofrimento e cada crise em aprendizagem, em transformar o desinteresse em interesse verdadeiro, a desconfiança em confiança, o desprezo em valorização, a crítica em admiração. Para isso, a arte é um instrumento poderoso que agiliza as forças mais sutis que circulam em nós e as torna fluidas e transformadoras. Seja plástica, musical ou performática a expressão artística, ela tem o poder mercurial de curar a alma regenerando-a e colocando-a em movimento saudável. A arte é também conteúdo presente nos SPSs através da pintura, modelagem, desenho, canto, teatro, observação de obras de arte e dança.

No que diz respeito ao nosso agir, é onde está a possibilidade de futuro, de criar algo novo que se coloca no mundo. Nosso corpo físico realiza a ação e é nele que muitas vezes encontramos grandes limites. Nossos gestos, nossas "caras", nossa postura corporal falam, muitas vezes, de forma desconexa com o que pensamos e sentimos. Temos um grande desafio pela frente quando queremos superar esses limites de forma que



nossos movimentos corporais possam ser construtivos e criativos, que respeitem os nossos reais limites naturais e individuais, que sejam instrumento para a saúde dos fluxos internos do físico, do astral e do eu. Quando olhamos para obras de arte do passado podemos ver o quanto a imagem do corpo humano foi objeto de veneração religiosa e fonte de inspiração aos artistas. Com o passar do tempo, o moralismo proibitivo ocasionou a perda da sacralidade do corpo e tornou-o elemento de exploração materialista. Se quisermos resgatar em nós a imagem e semelhança do divino, poderemos fazê-lo através da conscientização de nossas expressões e do cuidado em elevar a corporalidade ao templo sagrado que acolhe nossa alma e nosso espírito. Para tanto, há muitas linguagens para que o corpo possa se expressar de forma harmoniosa, bela e prazerosa.

Nos nossos seminários, dentre outras, temos focalizado as danças circulares dos povos, que além de serem atividade corporal e lúdica são também um exercício de habilidades sociais e um presente àqueles cuja alma pulsa diante do belo.

A dança circular dá aos seminaristas a oportunidade de ao sintonizarem com uma melodia que carrega a cultura de um povo, sentirem na alma a intensidade do presente e movimentarem-na para o passado, de onde é o pensar, e no gesto corporal produzir a ação que vai ao encontro do futuro. O movimentar o corpo com os passos e os gestos de um povo é como que ir para uma outra dimensão onde espontaneamente o fazemos como um ato religioso, um sentimento cósmico de reunião. Por isso mesmo, muitos chamam as danças dos povos de sagradas.

Na antiguidade clássica Sócrates dizia: "eu danço, porque nenhuma parte do meu corpo deve ficar sem a vivência do religioso". Dançando podemos resgatar o caminho sagrado de manifestação expressiva do nosso corpo. É como se entrássemos numa respiração universal e pudéssemos, ao avistar o divino, expressar nossa alegria, nosso prazer e celebrar a dádiva da vida. Nesse sentido, a dança em roda produz uma força mágica onde não há adversidades, conflitos e competição. Ela é um exercício social de acolhimento e inclusão do outro. Suas propriedades dinamizadoras são capazes de aliviar as tensões, soltar as contrações musculares, liberar e ordenar as forças criativas que vivem em nós. O calor, o suor, a circulação intensa que dela decorrem são um forte chamado ao despertar interior, à consciência do eu que

vive na circulação do sangue. As mudanças que são necessárias no ritmo de inspiração e expiração, na tensão e no relaxamento se tornam o motivo para a busca do equilíbrio interno. Dançar, portanto, exige o pensar fluido que se movimenta do passo que antecede para o que vem depois do passo presente, exige o domínio do gesto para a expressão graciosa e elegante do movimento e a concentração para manter o eu presente nos passos ritmados e no equilíbrio do corpo.

No fluxo da roda cada um é chamado a despertar também para o outro, para o social e comungar na realização da coreografia. Santo Agostinho, dizia: "a dança liberta o ser humano do peso das coisas e une o solitário à comunidade". Ao dançar nos movemos junto com o outro no presente e num mesmo ritmo nos movemos ora à direita, entrando no fluxo do futuro, do conhecimento e da iluminação, ora à esquerda, entrando no fluxo das lembranças, do passado construído. Assim, envolvidos em calor, exercitamos a nossa habilidade de sermos, ao mesmo tempo, indivíduo e sociedade. Como indivíduo, temos a oportunidade de viver o aprendizado, a superação dos próprios limites, o domínio sobre a expressão do corpo, a obediência dos pés à nossa vontade. Como sociedade, de mãos dadas, somos parceiros que têm a oportunidade de compartilhar a alegria e o prazer, o riso e o pranto, a beleza e energia das mandalas que surgem da união de cada indivíduo com o outro. E juntos, nesses momentos, todos se exercitam compartilhando a simbologia impressa no mundo e expressa pelo movimento rítmico.

Numa roda de dança circular cada um tem a oportunidade de experimentar a si mesmo e às suas limitações, mas também tem a oportunidade de experimentar o movimento que dá fluidez ao pensar, a intensidade no sentir a si próprio e a comunidade, e a de se deparar com a intensidade de suas próprias forças do querer realizar. As forças curativas e sanadoras da dança são possíveis de serem sentidas já na busca de aprendizado dos passos, onde a concentração e o esforço exigem presença consciente do indivíduo que se conecta consigo mesmo e com o ritmo da música. Tendo aprendido o passo, surge o efeito terapêutico da superação dos limites dos gestos e do compartilhar a beleza da melodia e da coreografia com o todo da roda.

A roda de dança circular oferece ao participante a chance de ele se regenerar, revigorar e aprender a aprender de si e do outro através da alegria e do prazer.

A participação em um SPS é uma significativa oportunidade das pessoas experimentarem, através de diferentes atividades, o movimento do pensar, sentir e agir como caminho de auto-conhecimento e desenvolvimento.



Van Gogh

---

Elizabeth Cerri é educadora Waldorf e focalizadora de danças circulares. É a atual secretária do Círculo de Seminários da APS e atua como consultora do Núcleo Maturi - Ecologia Social.



## POEMA

### EU LOUVO A DANÇA

Louvada seja a dança  
porque ela libera o homem  
do peso das coisas materiais,  
e une os solitários para formar sociedade.  
Louvada seja a dança que tudo exige e fortalece,  
saúde, mente serena e uma alma encantada.  
A dança significa transformar o espaço,  
o tempo e a pessoa, que sempre corre perigo  
de se desfazer e ser ou somente cérebro,  
ou só vontade ou só sentimento.  
A dança porém exige o ser humano inteiro,  
ancorado no seu centro,  
e que não conhece a obsessão da vontade de  
dominar gente ou coisas,  
e que não sente a demonia de estar perdido em  
seu próprio ser.  
A dança exige o homem livre e aberto  
vibrando na harmonia de todas as forças.  
Ó homem, ó mulher, aprende a dançar,  
senão os anjos de céu não saberão o que fazer contigo.

Augustinus (354-430)

## Antroposofia e conhecimento

—Hélcio de Castro Padrão e Berenice von Rückert

Rudolf Steiner, ao fundar a Antroposofia, quis que ela fosse reconhecida como ciência espiritual.

Colocá-la como ciência requer que conheçamos os paradigmas que a comprovem cientificamente.

Em se tratando de "espiritual", as ferramentas de medição são outras que não as usuais na ciência acadêmica.

Mas, antes de tudo, seria interessante observarmos o que é um caminho científico e o que é um caminho filosófico. O que os aproxima e o que os afasta. Como então reconhecer na Antroposofia o que é de fato uma "ciência espiritual". Analisemos os seguintes critérios como referência para esta nossa percepção:

Primeiramente, gostaríamos de citar a autora Eva Lakatos, que divide em 4 os tipos de conhecimento: Científico, Filosófico, religioso (ou teologia) e o Popular e os caracteriza da seguinte forma, na visão de quem o pratica:

POPULAR	CIENTÍFICO	RELIGIOSO	FILOSÓFICO
Valorativo	Real (factual)	Valorativo	Valorativo
Reflexivo	Contingente	Racional	Inspiracional
Assistemático	Sistemático	Sistemático	Sistemático
Verificável	Verificável	Não Verificável	Não Verificável
Falível	Falível	Infalível	Infalível
Inexato	Aprox. Exato	Exato	Exato

O conhecimento **Popular** refere-se a vivências, estados de ânimo e emoções da vida diária. "Os valores do sujeito impregnam o objeto conhecido". Ele não parte de uma sistematização de idéias e "se conforma com a aparência e com que se ouviu dizer a respeito do objeto".

O significado atual de **Ciência** não é o mesmo que na época que Steiner viveu. Hoje em dia, para que algum conhecimento seja considerado ciência é preciso comprovar através de fatos, de experimentos. Existe toda uma metodologia que faz com que algo seja ou não reconhecido como ciência. O conhecimento científico é verificável: "se as afirmações (hipóteses) não podem ser verificáveis, não pertencem ao mundo da ciência". Ela não é um conhecimento definitivo, uma vez que uma teoria pode transformar ou substituir outra.

Já o conhecimento **Filosófico** é mais livre, baseando-se em teorias que não precisam ser comprovadas, que tem mais a ver com o mundo espiritual. Como afirmou Afonso Trujillo, em seu livro Metodologia da Ciência: "as hipóteses filosóficas baseiam-se na experiência, portanto, este conhecimento emerge da experiência e não da experimentação". É racional porque as idéias são devidamente elaboradas e sistematizadas de forma lógica. "O objeto de análise são idéias, relações conceptuais, exigências lógicas que não são redutíveis a realidades materiais e, por essa razão, não são passíveis de observação sensória direta ou indireta (por instrumentos), como é exigida pela ciência experimental".

A **Religião**, por sua vez, apóia-se em doutrinas que contém posições sagradas que foram reveladas a alguém, inspiradas pelo divino, pelo sobrenatural, e que por esse motivo não podem ser contestadas e sequer existe compromisso com alguma comprovação. O que está

## IMAGEM



**Forma** - Argila como meio e expressão, exercício durante o Seminário de Pedagogia Social III - Organizações, realizado em março de 2003.



escrito" não abre margens para discussão. E isso também implica em uma posição de fé perante o conhecimento revelado.

Outro aspecto do conhecimento tem a ver com o paradigma. Thomas Kuhn, em seu livro *The Structure of Scientific Revolutions*, descreve a Comunidade Científica como Unidade Analítica: "Um trabalho científico cria um paradigma. E um grupo se mantém unido em torno deste paradigma: "do ponto de vista empírico, identificar um paradigma é também, ao mesmo tempo, identificar a comunidade e seus praticantes".

E existe uma clara noção de autoridade, uma vez que a comunidade sanciona seus membros. Existe um campo para desenvolvimento deste paradigma, mas não para criar um novo. Quando surge um novo paradigma que se propõe a resolver problemas que o antigo já não consegue, então outro grupo é formado, podendo até ser composto por alguns dos membros do grupo anterior. Mas nunca será o mesmo. O grupo, ao alternar o paradigma, perde sua identidade, os valores que o mantinha unido. Sem o paradigma, ele se desfaz."

Dentro destes pensamentos, a Antroposofia, caso seja considerada algo estático, baseado apenas nas "escrituras" deixadas por Steiner, seria uma religião. Acredito que a Antroposofia, pelo próprio significado etimológico da palavra "antropo (homem) + sofia (sabedoria)", é um conjunto de conceitos, de diversos pensadores, nesta construção de uma "Sabedoria do Ser Humano". Temos que enxergar a antroposofia como algo vivo, em constante desenvolvimento. Mas, restringindo ao nosso paradigma podemos crer que, seguindo alguns princípios pré-estabelecidos, é função das pessoas que se identificam com ela expandi-la, explorando, criticando e desenvolvendo esse paradigma, até que um dia ele seja superado por um outro, quando estes conhecimentos não se fizerem mais necessários. E para tal é importante estarmos em contato com as idéias das mais diversas linhas do pensamento, nas mais diversas disciplinas.

Conforme a teoria de Kuhn, não é possível o desenvolvimento amplo e aberto de uma linha de pensamento, pelo menos quando falamos de grupo. Observando os próprios ensinamentos da Pedagogia Social, podemos traçar um paralelo com suas idéias: Um grupo tem sua espinha dorsal em suas cumplicidades, seus valores, sua missão, etc. A quebra de um paradigma afeta então o que sustenta este grupo. Nesta teoria podemos observar o caminho do conhecimento humano alternando entre forma e caos, formação e dissolução, passo a passo, como degraus de uma escada.

Temos refletido então sobre a possibilidade de um desenvolvimento deste conhecimento de forma mais livre, sem se prender aos paradigmas, como se fosse uma rampa ascendente. A nossa conclusão é que, pelo menos no atual nível de consciência da humanidade, Kuhn tem razão, ou



seja, um grupo não vence o paradigma. E acreditamos que tal forma só seria possível no indivíduo, no processo de individuação, e mesmo assim num estágio mais avançado, mas não em grupos.

A Verdade é algo que sempre buscaremos, num caminho sem fim. Temos que entender o caráter transitório das coisas, e reconhecer esta lei também em nossas crenças mais profundas. Jung, mesmo sendo considerado muito avançado para sua época, afirmou que sua obra seria uma ponte para conhecimentos mais profundos, para criação de novos paradigmas no futuro. Ninguém possui a Verdade, e qualquer crítica a um conhecimento é um mero julgamento. Podemos optar por uma linha ou outra, mas sem julgar outras. O próprio Steiner faz um alerta em sua obra para que seus estudos evoluíssem pelas mãos de outras pessoas, pois ele sabia que estava num caminho de desenvolvimento e que não havia ainda chegado à estação final.

Muitos antropólogos evitam em seu vocabulário a palavra "evolução", entendendo que se pensarmos assim podemos estar julgando que estamos melhores que em outros tempos e acreditando que nossos conceitos atuais são mais verdadeiros que os do passado. Percebe-se com isso a busca por uma maior isenção quanto ao conhecimento, aos paradigmas dos diversos povos nas diversas épocas. E esta leveza, esta isenção, é também a base do bem estar social, de uma sociedade mais equilibrada e mais justa.

Hélcio de Castro Padrão e Berenice von Rückert são consultores da Ética Consultoria e Treinamento Referência bibliográfica: Curso "Antroposofia e Contemporaneidade", Dr. Wesley Aragão.



Dividir é um ato social.  
Qual a maneira mais adequada para isso?

Christian



## Crescimento? Que crescimento?

—Juriaan Kamp (Revista ODE- Outubro de 2003)

Crescimento econômico traz progresso e progresso significa felicidade. Essa é a mensagem do capitalismo ocidental. Progresso é medido pelo Produto Interno Bruto (PIB), a renda nacional: a soma de tudo o que os habitantes do país ganham.

O problema com o PIB é que ele não faz distinção entre atividades: tudo conta. É como uma calculadora que só faz somas. Nenhuma distinção é feita entre custo e ganho ou entre atividades produtivas ou destrutivas. Qualquer coisa que aconteça no mercado é considerado progresso. Ao mesmo tempo, tudo que não pode ser expresso em dinheiro – independentemente de quão importante seja para o bem-estar – é negligenciado. Famílias, comunidades e natureza, por exemplo, não figuram na equação da renda nacional, mesmo que a qualidade desses elementos seja importante para determinar como experienciamos nossas vidas.

O PIB do Brasil, por exemplo, aumentaria tremendamente se toda a floresta amazônica fosse derrubada. Pior ainda: se os brasileiros picassem toda a madeira e levassem seus lucros a um cassino, o país ficaria mais rico – de acordo com o PIB. Se o arengue, como espécie, está ameaçado devido à pesca intensa, ainda é considerado como fonte de renda pelos contadores nacionais. Se o índice de criminalidade de um país cresce, a economia recebe um empurrão. Quanto mais advogados existam ocupados com o crescente número de divórcios, maior a renda nacional. Um terremoto ou um furacão devastador podem ser uma bênção econômica. Poluição ambiental conta em dobro. Se uma indústria química produz um produto poluente, isso conta. Se esse produto acaba em lugares errados e precisa ser limpo, conta de novo.

Há ainda esse curioso círculo vicioso que chamamos de consumo. Comemos demais – o que conta – e ficamos gordos. Então gastamos milhões em produtos de regime para nos livrarmos do excesso de peso – e isso conta também. O paciente pelo qual passam as coisas é uma metáfora do progresso do país: coma o que quiser, pague pelas conseqüências, some tudo e a economia cresceu um pouco.

Há também atividades importantes que não contam. Se uma mãe amorosa cuida de seus filhos, a sua contribuição para a economia é nula. Se ela lê uma história para elas, nada acontece. Mas se os pais levam seus filhos a um berçário ou deixam-na vendo televisão, a renda nacional cresce. Todo o trabalho voluntário, sem o qual, por exemplo, todo o mundo do esporte amador colapsaria, não conta. Não é bom para a economia se os filhos tomarem conta dos seus pais idosos. Um asilo, por outro lado, contribui para o “progresso”.

Devido à estranha forma como a renda nacional é calculada, o crescimento econômico, tão desejado e aplaudido, freqüentemente anda de braços dados com a decadência social. Aparentemente, a renda nacional diz pouco sobre a riqueza de uma nação.

O homem que concebeu o sistema também expressou suas dúvidas. Em 1932, um jovem economista chamado Simon Kuznets foi incumbido de compor padrões para a contabilidade nacional. Havia a necessidade de um instrumento de medição que impedisse uma nova depressão econômica. Em seu primeiro relatório ao congresso em 1934, Kuznets alertou sobre as limitações do novo sistema. Mais tarde escreveu: “Se crescimento é a meta, deveríamos ter

uma definição clara de o que deve crescer e em que direção”. Mas essa observação importante foi perdida. Os políticos se apossaram de uma calculadora deficiente e usaram-na para impressionar os eleitores.

Desde então, economistas progressistas têm trabalhado em métodos melhores para calcular a renda nacional. Suas medidas alternativas levam em conta coisas como trabalho doméstico e voluntário. Dinheiro gasto em prevenção de criminalidade ou no reparo de estragos causados por atividades criminosas, no entanto, são subtraídas da renda nacional.

Contas de hospital e a fatura de um carpinteiro que consertou uma porta arrombada são lançadas no lado dos débitos. Também são subtraídas despesas para reparar danos causados por poluição. E o país que usa seu petróleo e seus recursos naturais deve lançar esse consumo nos livros.

Usando esses métodos, economistas recalcularam o crescimento econômico na Europa e nos Estados Unidos desde a Segunda Guerra Mundial. E o que eles descobriram? De acordo com diversos cálculos novos, não houve qualquer progresso desde 1970. A qualidade de vida no ocidente não melhorou – apesar do fato de que, de acordo com os padrões usuais, a renda nacional nesses países dobrou desde então. Em outras palavras: o crescimento econômico na maior parte do mundo desenvolvido na realidade não aconteceu. Tem havido mais dinheiro, mas ele não melhorou nossas vidas. Há mais carros, mas também mais congestionamentos e poluição. Salários mais altos trazem mais estresse e menos tempo.

As novas visões sobre a renda nacional correspondem às percepções das pessoas. No final das contas, quantos de nós realmente acredita que a qualidade de nossas vidas dobrou nos últimos 30 anos?

Tradução de Endre P. Király



Lançamento do primeiro Caderno de Pedagogia Social

## “Os Caminhos para a Formação do Pedagogo Social”

Autor: Lex Bos Preço: R\$ 5,00. Taxa de postagem: R\$ 2,00.  
Aos interessados, entrar em contato com a Marise pelo e-mail: [mariselopes@terra.com.br](mailto:mariselopes@terra.com.br)